

O CERCO DE LENINGRADO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (URSS): ESTRATÉGIAS CIVIS DE SOBREVIVÊNCIA E REORGANIZAÇÃO SOCIAL (1941–1944)

Leonardo Marinho Ernesto¹

RESUMO

A partir do cerco à cidade de Leningrado realizado pelo exército alemão de Adolf Hitler, os civis foram privados de qualquer mantimento, água e energia elétrica, em um projeto idealizado para a extinção total, no entanto, diversas estratégias extremas com intuito de prolongar a vida dos cidadãos foram realizadas. Sendo assim, este artigo propõe analisar o funcionamento de um novo formato social e suas estratégias extremas que foram desenhadas a partir de desafios diários de se sobreviver sem ter o mínimo para essa sobrevivência. A pesquisa se constitui por análises exploratórias e qualitativas, levantamentos de informações bibliográficas de autores nacionais e internacionais referenciais na temática, possibilitando reflexão e discussão sobre seus relatos. Dessa forma, os resultados mostraram que as estratégias de sobrevivência na cidade sitiada deram-se emergindo de sua necessidade um novo tecido social com particulares funcionamentos no que diz respeito à alimentação, comércio e no que se entende como estrutura social. Todas as estratégias foram de vital importância para a manutenção da resistência propiciando prolongamento da vida dos civis e pela força coletiva de uma cidade que se recusou a desaparecer.

Palavras-chaves: Segunda Guerra Mundial; Leningrado; Sobrevivência; Estratégias; Estrutura Social.

ABSTRACT

Based on the siege of the city of Leningrad carried out by Adolf Hitler's German army, civilians were deprived of any food supplies, water, and electricity, as part of a project designed for total extermination. However, several extreme strategies aimed at prolonging the lives of the citizens were developed and put into practice. Thus, this article proposes to analyze the functioning of a new social framework and the extreme strategies that were shaped by the daily challenges of surviving without the minimum conditions necessary for life. The research is based on exploratory and qualitative

¹ Bacharel em História (Universidade Federal Fluminense).

analyses, as well as bibliographic reviews of national and international authors who are references on the subject, allowing reflection and discussion of their accounts. In this way, the results showed that the survival strategies in the besieged city led, out of necessity, to the emergence of a new social fabric with particular forms of organization regarding food, trade, and what is understood as social structure. All these strategies were of vital importance for maintaining resistance, enabling the prolongation of civilian life, and expressing the collective strength of a city that refused to disappear.

Keywords: Second World War; Leningrad; Survival; Strategies; Social Structure.

INTRODUÇÃO

O inverno de 1941 não foi apenas um dos mais gelados que Leningrado já enfrentou. Foi o início de uma escuridão que duraria quase 900 dias, marcada por fome, bombardeios, frio extremo e o isolamento total de uma cidade que se tornou prisioneira em seu próprio território. O que se viu ali não foi uma batalha convencional entre exércitos, mas um plano arquitetado para matar a população civil aos poucos, pela fome, pelo desespero e pela desesperança. Hitler não queria conquistar Leningrado: queria vê-la desaparecer do mapa. Os alemães não tomariam a cidade. Eles iriam cercá-la até que o último habitante morresse de fome.

O que veio a seguir está entre os acontecimentos mais brutais da Segunda Guerra Mundial. Leningrado foi submetida a um cerco que desmantelou qualquer noção de vida normal. A cidade, sem eletricidade, sem aquecimento, com os encanamentos congelados e os estoques de alimento destruídos, mergulhou em um estado de colapso. As ruas, antes movimentadas, se tornaram caminhos para mortos e famintos. As fábricas continuaram funcionando com operários que mal conseguiam andar. As escolas, mesmo diante da catástrofe, seguiram ensinando crianças que agora também sabiam cortar lenha, cavar trincheiras e plantar batatas em jardins públicos. Uma geração inteira foi forçada a transformar a dor em rotina.

Foi nesse cenário que surgiu a ideia central desta pesquisa: entender o que aconteceu com aquela sociedade quando tudo o que a sustentava desapareceu. Quando não havia mais ingredientes alimentícios, o que virou comida? Quando não havia mais aquecimento, o que virou combustível? Quando o desespero levava a estratégias extremas, existia o que era certo ou errado? A ideia central deste trabalho é analisar como os civis, diante do cerco isolando-os do país, inventaram estratégias para sobreviver. Mas mais do que isso: como essas estratégias deram origem a uma nova forma de funcionamento social, moldada pela escassez, pela dor e pela urgência da sobrevivência.

A proposta não é contar mais uma vez a história da guerra, das batalhas ou das decisões militares. É olhar para dentro da cidade sitiada e enxergar o cotidiano de quem permaneceu vivo. Analisar como as pessoas se organizaram, como reinventaram a vida, como resistiram não apenas ao inimigo do lado de fora, mas também aos inimigos

invisíveis: a fome, o frio, o desespero e a morte. Leningrado virou um campo de batalha civil, onde a guerra era travada com recursos mínimos e decisões diárias sobre o que comer, o que queimar, o que esconder e como continuar.

Dentro desse caos, surgiram estruturas informais que passaram a comandar a vida. Os mercados clandestinos, as trocas por sobrevivência, os pequenos gestos de solidariedade e também as escolhas mais difíceis. O cotidiano passou a ser marcado por uma nova lógica social, que não seguia mais as regras anteriores à guerra. Havia uma nova cidade funcionando dentro daquela que estava em ruínas. E é essa cidade, criada no limite, que este trabalho se propõe a investigar.

Este é um estudo sobre o funcionamento interno de uma sociedade em colapso. Sobre como o caos absoluto pode, paradoxalmente, gerar formas de organização. Sobre como, mesmo cercada, sem mantimentos, sem luz e com a morte como vizinha constante, uma população conseguiu transformar desespero em ação e, ainda que por instinto, reinventar sua própria existência. Entender as estratégias civis de sobrevivência durante o cerco de Leningrado é também compreender até onde o ser humano pode ir para não desaparecer. E como, mesmo no fim de tudo, ainda há quem escolha viver.

A centralidade da experiência civil no estudo do cerco de Leningrado

O cerco de Leningrado é, até hoje, uma das experiências mais radicais já vividas por uma população civil em tempos de guerra. Apesar de seu impacto humano, político e histórico, grande parte das pesquisas ainda se concentra nos aspectos militares, nas decisões estratégicas, nos números de mortos ou nos movimentos dos exércitos. O olhar dos civis, no entanto, segue à margem. Aqueles que não tinham farda, mas estavam expostos ao frio, à fome, à morte e ao esquecimento, muitas vezes aparecem apenas como estatística. Este trabalho parte da urgência de preencher essa lacuna e dar centralidade à experiência de quem sobreviveu — e resistiu — dentro dos muros congelados de uma cidade cercada por quase mil dias.

A escolha de olhar para o cerco pela ótica civil não é apenas um gesto de empatia. É uma decisão política, historiográfica e ética. Porque a história das guerras não pode se limitar ao campo de batalha. O que aconteceu em Leningrado foi uma guerra contra a vida cotidiana. Foi o ataque direto à infância, às famílias, aos corpos e à memória de uma cidade que se recusou a morrer. Estudar as estratégias de sobrevivência usadas pelos civis não é romantizar o sofrimento. É entender como, mesmo diante e sob um projeto claro de extermínio, as pessoas se organizaram para manter a cidade viva, ou ao menos respirando.

A importância de investigar essas estratégias está no fato de que elas revelam mais do que improvisos para manter-se de pé. Elas mostram que em situações extremas, onde o colapso toma conta de tudo, novas formas de vida surgem. A cidade se reorganizou. O que poderia se chamar de moeda, se transformou. Os laços sociais mudaram. As relações entre as pessoas foram moldadas pela escassez, e com isso surgiu uma outra lógica de funcionamento, não planejada, mas real. A solidariedade virou política, o mercado paralelo moldou o que podia se chamar de economia, o cadáver

virou recurso e a sopa feita com serragem virou alimento. Essa transformação precisa ser discutida, porque ela fala sobre os limites e as possibilidades da existência humana.

Além disso, a pesquisa é justificada por sua contribuição direta ao debate historiográfico. Ao invés de focar nas decisões tomadas por generais, esta investigação dá protagonismo aos moradores comuns, às mães que dividiam pão entre os filhos, aos professores que seguiam com aulas em escolas congeladas, às mulheres que puxavam trenós com corpos pelas ruas. Trazer essas vozes para o centro do debate é reconhecer que a resistência não se dá apenas com armas, mas também com um pedaço de madeira arrancado do assoalho para alimentar um fogão, com um diário escondido que registra o dia em que não se comeu nada, com uma troca de batatas por um pedaço de roupa, ou com o simples ato de se manter vivo quando tudo empurrava para a morte.

Por fim, é necessário dizer que este tema não fala apenas sobre o passado. O estudo da sobrevivência civil em Leningrado permite refletir sobre a capacidade de organização humana em contextos extremos, sejam eles de guerra, de colapso climático ou de catástrofe social. Porque o que existiu ali foi um exemplo radical de como, mesmo quando tudo desaba, ainda é possível reinventar os laços, reconstruir os espaços e sustentar a vida, nem que seja por mais um dia.

Portanto, este trabalho não é apenas um resgate da memória de uma cidade sitiada. É uma forma de reconhecer a força dos civis, de valorizar suas estratégias e de colocar em debate como se cria, se transforma e se resiste quando a vida está por um fio. Leningrado não sobreviveu por sorte. Sobreviveu porque seu povo decidiu que não iria desaparecer, e isso, por si só, já foi a razão motora suficiente para justificar toda essa pesquisa.

Diários, testemunhos e cotidiano: caminhos metodológicos

A pesquisa aqui apresentada é de caráter exploratório e qualitativo, construída com base em levantamento e análise de material bibliográfico diverso, publicado tanto em português quanto em outros idiomas. O objetivo principal dessa metodologia foi reunir diferentes olhares sobre o cerco de Leningrado, priorizando especialmente os relatos civis, as narrativas pessoais e os registros do cotidiano da população sitiada. O foco foi buscar autores que permitissem enxergar a guerra não apenas pelos olhos das estratégias militares ou dos generais, mas a partir da vivência direta de quem enfrentou o cerco dia após dia.

Para isso, foram utilizados livros contextualizando a temática, obra audiovisual, e livros compilando diários e documentos que tratam especificamente das estratégias de sobrevivência em Leningrado. A seleção das obras levou em conta a relevância dos autores para a historiografia da Segunda Guerra Mundial e sua proximidade com a experiência civil da cidade. Entre os principais nomes estão Anna Reid, que reúne depoimentos de sobreviventes; Alexis Peri, que analisa os diários deixados por civis e propõe uma leitura do cerco como um fenômeno psicológico e social; Alexander Werth, jornalista presente na cidade durante o cerco, entrevistando civis; Pierre Vallaud, com uma leitura mais ampla sobre a frente oriental; além dos relatos diretos como os de Lena

Mukhina e os testemunhos compilados por Svetlana Aleksiévitch. Também foi utilizada a obra de Alan Wykes, encontrada em sebo devido à sua data de publicação, que acrescenta detalhes importantes sobre o cotidiano da fome e da luta dos civis.

A pesquisa envolveu o cruzamento das informações levantadas nesses materiais, buscando padrões e repetições de comportamento que revelassem como as pessoas adaptaram suas vidas em meio à escassez extrema. Foram considerados tanto os dados objetivos (como as medidas de racionamento ou o número de mortos), quanto os relatos subjetivos (descrições de sensações, memórias, emoções), pois ambos são essenciais para entender o funcionamento social emergido na cidade. A tradução e leitura direta de obras estrangeiras também fez parte do processo, garantindo uma aproximação mais fiel aos relatos originais.

Todas essas fontes foram analisadas com atenção ao contexto histórico e social, respeitando os limites da narrativa de cada autor, mas buscando extrair delas aquilo que se repetia nas vozes dos que viveram o cerco: a fome, o frio, a morte mas também a organização, a estratégia, a solidariedade e a força civil. A metodologia, portanto, não se limita a registrar fatos, mas a interpretar sentidos. Esse caminho permitiu não só compreender como os civis sobreviveram, mas o que isso significou para o modo como se estruturou uma nova forma de vida, uma nova economia e um outro tipo de sociedade dentro dos muros congelados de Leningrado.

Leningrado sob cerco: guerra, fome e reorganização da vida social

Durante a Segunda Guerra Mundial, Leningrado sofreu a maior catástrofe urbana já experimentada por uma cidade na história da humanidade (REID. 2012). Os seus números de mortes foram alarmantes, onde “750 mil habitantes de Leningrado morreram de fome, de doença ou em consequência dos bombardeios e dos tiros de artilharia [...] Outros números foram levantados, variando de 641 mil a 1,5 milhão de pessoas” (MUKHINA, 2015, p. 256)

Iniciada a execução do plano Barbarossa, estabelecido pelo Estado-Maior da Wehrmacht, quatro grupamentos militares deviam efetuar o Blitzkrieg contra a URSS e forçar o Exército Vermelho a se render antes do inverno de 1941. Ficou a cargo do grupamento do norte avançar contra Leningrado, contextualiza Lena em seu livro “Diário de Lena” (2015). Em *The World Wat War*, Smith diz que nenhum povo sofreu tanto na guerra quanto a União Soviética. No cerco de Leningrado o número de mortos superou o total de baixas inglesas, americanas de toda a guerra, juntos. Porém aqui, Hitler foi derrotado. (SMITH, 1974)

Smith (1974) expõe que Hitler, em seu livro “Mein Kampf”, deixou claro suas intenções frente à ocupação do território russo: o sistema soviético deveria ser demolido. Os soviéticos seriam tratados como meros nativos no império colonial Alemão, eles seriam lavradores, empregados domésticos e operários (SMITH, 1974). Na medida em que os alemães se aproximavam de Leningrado, a capital da revolução russa, os líderes da cidade encorajaram todos os cidadãos a lutar, Lena Mukhina (2015) diz em seu livro que houve um levantamento em massa dos civis. Quando o exército alemão lança a ofensiva final contra Leningrado, é esperado que tomem a cidade por assalto, a situação fica catastrófica e a cidade, agora, está sitiada. Smith (1974) afirma que 2,5 Milhões de pessoas ficaram presas na cidade, e entre essas 400 mil eram crianças. A única via de comunicação com o exterior era pelo lago Ladoga que mais tarde foi conhecida como a “Estrada da Vida”. E nesse contexto, Lena relata que os líderes soviéticos lançam o “Apelo ao povo de Leningrado” para que os cidadãos tenham consciência da situação, já que é tarde para deixar a cidade que desde então começara a sofrer bombardeios aéreos (2015).

Em seu livro, Alan Wykes apresenta o conteúdo dos panfletos espalhados pelos céus da cidade por aviões da Luftwaffe:

Homens, mulheres e crianças de Leningrado: sua cidade está totalmente cercada pelos exércitos alemães. O Alto Comando não deseja de forma alguma impor sofrimento à população civil. Mas a rendição é a única alternativa para a aniquilação absoluta ou fome. Convença seus líderes de que o bolchevismo deve ser sacrificado em nome da paz. Melhor ser um súdito saudável de seus conquistadores indiscutíveis do que um bolchevique faminto! (WYKES, 1975, p. 52)

No entanto, existia uma consciência na cidade que os alemães não os alimentariam, e não estavam errados. Lena diz que nesse momento, tudo indicava que Hitler e o alto comando alemão já tinham decidido não tomar a cidade, prossegue trazendo a diretriz do alto comando Alemão datada em 29 de setembro de 1941:

Propomos um cerco radical da cidade, destruindo-a com tiros de artilharia de todo calibre e bombardeios aéreos. Se, pela situação criada, houver pedidos de rendição da cidade, eles devem ser

rejeitados, pois não nos cabe solucionar questões de sobrevivência da população e sua alimentação. No que nos concerne, nesta guerra, não temos nenhum interesse em manter sequer uma parte da população. (MUKHINA, 2015, p.12)

Leningrado, o berço do bolchevismo, deveria simplesmente ser riscado da face da Terra. Então, devido às condições extremas, técnicas e estratégias para tentar prolongar a vida seriam utilizadas e inventadas. Lena, em seu diário (2015), diz que em 26 de junho iniciaria o uso de metrônomos nas rádios instaladas nas ruas, as batidas regulares indicavam que estava tudo calmo, mas as aceleradas eram avisos de ataques iminentes e a população deveria procurar abrigo. No início de julho foi a vez dos civis construírem fortificações nos caminhos que davam acesso a cidade. E Sobre isso, Werth diz em seu livro: “400.000 mulheres e crianças saíram para cavar trincheiras e construir fortificações a 100 milhas de distância, e com isso ajudaram a atrasar o avanço alemão” (2015, p.146.) em sequência Puryzev, entrevistado por Werth relata as consequências dessa estratégia:

Foi um negócio horrível [...] Eles massacraram nossas mulheres e crianças, mas apesar das metralhadoras e bombardeio, nosso povo nunca desistiu [...] as meninas caçavam em um frenesi que você nunca vai imaginar. Continuava a cavar mesmo quando as palmas das mãos de reduziram a polpa de sangue. (WERTH, 2015, p.146)

Para essas pessoas, diz Werth

Essa guerra era também conscientemente revolucionária, que estava sendo travada para preservar a qualquer preço preservar não só o patrimônio nacional russo, mas o patrimônio da revolução russa e tudo que Leningrado, ‘a cidade de Lenin’ representava. A Alemanha nazista era inimiga não só da União Soviética, mas da classe trabalhadora russa, que se orgulhava de suas conquistas revolucionárias e agora lutava para defendê-las. (2019. p. 146)

As ações de retaguarda para defesa de Leningrado tomadas pela Divisão de Trabalhadores em toda história, é o orgulho de sua classe trabalhadora. As pessoas diziam repetidas vezes que o papel dessa divisão foi decisivo em setembro de 1941 para a salvação da cidade. Existia um clamor maior pela identidade revolucionária de Leningrado do que nacional (2015).

Definitivamente o patriotismo foi um forte aliado dos civis em Leningrado, Wykes cita a fala de um cidadão que já estava fraco, a cidade estava no seu pior momento de fome, e mesmo caindo durante a sua fala esbravejava coragem e dizia:

Se o inimigo insolente tentar entrar em nossa cidade, ele encontrará seu túmulo lá. Nós, habitantes de Leningrado, homens e mulheres, todos os patriotas da cidade como um - do mais velho ao menor - lutaremos até a morte contra os ladrões fascistas. Sem medo e sem egoísmo defenderemos todas as ruas, todas as casas, todas as pedras da nossa grande cidade. (1975, p. 139)

As coisas em Leningrado não chegaram ao mesmo ponto do que houve em Stalingrado, mas se fosse necessário os civis fariam o que fosse possível. Definitivamente o patriotismo foi usado como estratégia de resistência civil. Nas escolas, que continuaram funcionando, as matérias eram usadas como arma de guerra, os professores conversavam com os alunos incentivando o patriotismo. Werth diz que ao perguntar aos alunos sobre os alemães os mesmos diziam: “Eles vão recuar até o inferno! [...] Não sair de Leningrado para o inferno!” (2015, p. 118)

As crianças eram grandes especialistas no cultivo de hortaliças e em cortar madeiras, e ele se espantou com a fluência desses alunos ao falarem sobre o plantio de couves, da rega e cuidado com eles. Mas Werth precisou parar porque muitas daquelas crianças tinham perdido seus pais e não seria uma conversa conveniente. No “caderno da fome” da escola continha o relato de Valentina Solovyova de 16 anos:

O povo de Leningrado apertou o cinto, as ruas começaram a ficar cheias de barricadas [...] seus trabalhadores levantaram como um só homem em sua defesa [...] junto de suas bombas os aviões inimigos lançaram panfletos. Eles diziam que iriam arrasar Leningrado. Disseram que todos morreriam de fome. Eles acharam que iria nos assustar, mas nos encheram de forças! [...] a cidade estava morrendo de fome, mas vivia e trabalhava [...] embora estivesse morrendo de fome, nossos trabalhadores foram trabalhar, com as sirenes de ataque aéreo enchendo o ar com seus gritos. (WERTH. 2015, p. 122-123)

Nenhuma criança dessa escola morreu, determinadamente uma peça decisiva na sobrevivência, definitivamente foi uma estratégia de sobrevivência voltada para eles.

O avanço russo causava problemas para a economia de Leningrado (WYKES, 1975). Como exemplos: Lena (2015) relata em sua cronologia que no início de julho houveram os cortes de energia elétrica. Só não tinha aula nas escolas quando as crianças

faziam parte da mão de obra que iria buscar mais madeiras (WERTH, 2015). Em decisão conjunta dos bolcheviques e do Comitê Executivo do Conselho Municipal de Leningrado ficou acordado o desmonte das construções em madeira e dos prédios deteriorados dos bairros atingidos por bombardeios (MUKHINA, 2015).

Em 8 de outubro, os comitês municipal e provincial implementaram um projeto para obter madeira nas áreas de Pargolovo e Vsevolozhsk, ao norte da cidade. As equipes madeireiras eram compostas em sua maioria por mulheres, crianças e adolescentes; chegavam às matas desprovidos de ferramentas e vestimentas adequadas e sem possibilidade de hospedagem ou transporte [...] trabalhando a 40 graus negativos, eles estabeleceram um trilho até a ferrovia mais próxima, ergueram barracos para acomodação e despacharam quantidades substanciais de madeira para a cidade. (WYKES, 1975, p. 67)

Quase todas as mães trabalham em fábricas, no corte de madeira ou no transporte (WERTH, 2015). A somar a esse problema, sem eletricidade as águas congelam o encanamento, Vallaud (2012) diz que os civis não tinham o que beber, nem como se lavar, nem lavar suas roupas, grupo de pessoas se reuniam para quebrar o gelo, levá-lo e derrete-lo, principalmente as mulheres. Algumas pessoas se arriscaram no gelo fino na intenção de quebrá-lo para encher o balde de água e acabavam morrendo afogadas. Por vezes um caminhão de cisterna tentava bombear água das placas de gelo e redistribuir, mas isso não durava muito porque a gasolina era coisa rara para usá-la nessa tarefa que poderia ser feita a mão.

Sem água, deixados para morrer de fome, os civis tentavam tomar diversas ações em meio a escuridão, Vallaud (2012) afirma que os habitantes utilizavam luz de velas, viviam todos no mesmo cômodo da casa, geralmente a cozinha para evitar perda do raro calor ocasionado pela queima de madeiras, já que estavam sem carvão. Essa falta fez com que a população se encontrasse como na idade média, uma busca incessante por lenha. O estádio da cidade foi desmontado e suas madeiras utilizadas. Os civis separavam as tábuas uma das outras utilizando pé de cabra, jogavam as madeiras no chão. Juntos, recolhiam e levavam até um local em que haveria a divisão. Também invadiam apartamentos e casas abandonadas para pegar madeira, nada escapava, do assoalho, rodapés, as portas e janelas. Tudo era transformado em lenha e repartido entre os habitantes.

Anna Reid segue o relato de Vasilli, um dos sobreviventes sobre os moradores de Leningrado sobre a busca de combustível para aquecimento e a fome que assolava a cidade, "viraram transeuntes lutando por pedaços de cerca de madeira quebrada no meio do bombardeio; um colega vira uma multidão despedaçar um cavalo recém morto em uma hora" (2012, p. 208). Werth (2015) em sua chegada na cidade entrevistou seu motorista e ao perguntá-lo sobre como foram seus anos passados e a fome, o mesmo respondeu que ele, a esposa e o filho quase morreram sem comer em 1941. Ainda, Anna Andreievna de 67 anos contou o que passou durante a fome:

Horrível - disse ela -, muito terrível. O Astoria Hotel foi transformado em um hospital. Inferno. Costumavam trazer aqui todo tipo de gente, que morriam de fome. Dei a eles comprimidos de vitaminas, tentei animá-los um pouco. No entanto, muitos deles estavam longes demais e morreram quase no mesmo instante em que chegaram aqui. Eu sei o que é ter fome [...] eu estava tão fraca que mal conseguia andar. Tive que usar bengala para me apoiar [...] precisava parar a cada 100 metros, minhas pernas não obedeciam, às vezes levava mais de uma hora para chegar em casa. (2015, p. 42)

Em sequência a entrevista, Andreievna disse a Werth que recebia 125 gramas de pão, ela morava com 7 pessoas e não dava para dividir com todos. Em seu relato sobre a situação de Leningrado, ela prossegue: "você acabou de passar por cadáveres nas ruas e nas escadas! Você simplesmente parou de prestar a atenção. Não adiantava se preocupar [...] as pessoas enlouqueciam de fome" (WERTH, 2015, p. 212). Nessa entrevista Anna Andreievna conta que uma das estratégias para tentar conseguir um pouco mais de alimentos consistia em esconder os mortos em algum lugar da casa e usar seus cartões de racionamento. As autoridades não conseguiam saber pois havia morte para todo lugar; nas escolas, professores enfrentavam e morriam de desnutrição para alimentar as crianças (WERTH, 2015, p. 46).

O cartão de racionamento foi uma medida adotada pelos líderes da cidade para partilhar o que restava dos produtos alimentícios. Em diários encontrados dos habitantes após a abertura do cerco e compilados em seu livro, Svetlana Aleksievitch traz o relato de uma criança de 10 anos chamada Galina Fírsova:

A ração do cerco chegou a 125 gramas de pão por dia. Isso para os que não trabalhavam. No cartão de dependente... escorria água desse pão... Era preciso dividi-lo em três partes: café da manhã, almoço e jantar. Só bebíamos água quente. Água quente pura. (2018, p. 212).

As filas dos pães começaram a formar 4h da manhã, alguns civis relataram em seus diários ficar 12h em pé na fila para conseguir as rações (VALLAUD, 2012). No "caderno da fome" da escola, crianças relataram ter ficado 12 horas na fila (WERTH, 2015).

A falha em colocar em estoques adequados de comida e combustível antes do cerco fechar foi devido a mesma mistura letal da negação, desorganização e descuido da vida humana

como fracasso em evacuar a população civil excedente. [...] A confusão e sobretudo a recusa das lideranças em enfrentar a realidade fizeram a situação ainda pior do que deveria estar. (REID. 2012, p.162)

Wykes (1975) e Anna Reid (2012) concordam em seus livros ao afirmar a dificuldade e as tentativas fracassadas de envio de mantimentos pelo lago Ladoga, o mesmo era raso e compromete o acesso das embarcações. A chegada do inverno interrompeu o que já era ineficaz. A população fazia imensas filas pelas gramas de pão por dia. Vallaud (2012) mostra em seu livro que a organização da distribuição alimentícia se dava por cartões de racionamento que eram distribuídos da seguinte forma: os desempregados e crianças só recebem o mínimo de pão de má qualidade, 500g de carne, 750 de massas e cereais, 375g de gordura e 1,5k de pastelaria ou doçaria. A quantidade era a mesma para criança pequena e adolescente. Essas regras surgem efeitos na vida dos civis e as mortes aumentam tanto que os habitantes ficam assustados.

Para Wykes (1975) o verdadeiro inimigo era um fantasma invisível que vagava pela cidade, o cavaleiro apocalíptico da fome. Com déficit de abastecimento de ingredientes, Reid (2012) diz que houve substituição na composição dos alimentos na tentativa de não deixar a população desabastecida. Incluiu-se no pão, o pó raspado das paredes dos moinhos e sob as tábuas do assoalho. O exército enviou suplementos que antes eram enviados aos seus cavalos. Caroço de algodão eram colocados sob altas temperaturas para que o calor retirasse suas toxinas. Vallaud (2012) afirma que farinha de trigo substituída por qualquer cereal equivalente, depois, quando não tinham mais cereais, utilizavam resíduos de feno ou de palha. Madeira e serragem, papéis de todo tipo, tudo isso era reduzido ao estado pastoso para pouco a pouco se tornar farinha. Essa farinha representava 60 por cento da composição do pão. Reid (2012) diz que conforme o cerco caminhava as substituições iam sendo feitas e os alimentos se tornavam menos nutritivos. Semente de linho eram usados para fazer um macarrão de cor cinza; Tripas de ovelhas junto com peles de bezerro foram viradas em geleia de carne, era usado óleo de cravo para retirar o odor; serragem de bétula fermentada distribuído para as cozinhas em forma de folha e servido com água quente como sopa de fermento.

Vallaud (2012) afirma que era considerada qualquer possibilidade de transformar qualquer coisa em alimento, tripas que eram utilizadas na fabricação de cordas para instrumentos eram, agora, utilizadas em máquinas para fazer linguiça com linho e o óleo da máquina. Parte dessas carnes eram vendidas no mercado paralelo em troca de comidas mais “normais”. Era uma regressão sub humana dos instintos mais implacáveis da autopreservação quando alguém morria, diz Wykes (1975), que o outro civil sentia alívio pois era um a menos para dividir as rações, e ainda, as pessoas roubavam cartão alimentar do morto.

Vallaud (2012) e Wykes (1975) prosseguem sobre o que faziam na falta de mantimentos: sem manteiga, utilizavam gorduras de animais mortos no zoológico. Depois, sebo reservado as velas, óleo ou tudo que era possível engordurar; O porto, as fábricas e as estradas de ferros eram esfregadas para retirar resíduos de óleo. Pasta de semente de algodão que seriam destinadas às caldeiras dos navios foram utilizadas para nutrir a população. A cola de tapeçaria é raspada das paredes e incorporada às misturas.

Pouco depois se come o gesso; Gelatina a base de cola de carpinteiro; comiam animais domésticos; gatos, cachorros, pássaros e ratos; Gelatinas de tripa de carneiro substituí a carne; raspa-se o chão para tentar recuperar os produtos carbonizados ou derretidos a essa mistura davam o nome de "terra de Badaiev", era um local entrepostos; Usavam animais mortos para se alimentar; Famílias comiam capas de livros, derretiam a cola pra fazer sopa; Geleia de intestino de gatos e cães e qualquer outro animal, eram feitas para ser colocadas no pão; Folhas secas servidas em caldos; Papeis de parede arrancados para misturar resíduos de cola com farinha e ossos, de humanos e animais, fervidos por horas em fogões abastecidos com livros ou qualquer material inflamável; sopa de fermento; geleia de sabão; Por consequência essas misturas causavam complicações gástricas.

Wykes (1975) narra um acontecimento em que as chamas que atingiram o repositório de açúcar reduziram todo o material em uma espécie de xarope enegrecido, cheio de cinzas. Depois de retirado dos escombros e filtrado, esse "xarope" foi usado como doce. Sobre o uso, consta em seu livro esse relato: "tinha gosto de borracha queimada temperada com esmalte de unha e continha gotas de cinza que haviam resistido ao processo de filtragem. Mas suponho que tenha algum valor nutricional" (p. 70), a goma foi uma estratégia ilusória, pois ela durava muito tempo na boca e dessa forma estimulava a salivação, assim dava impressão de ter se alimentado de algo. Os mortos nas ruas lá ficavam. Os corpos esperavam energia suficiente de parentes e amigos para retirá-los e enterrar em covas comuns ou buracos feitos pelas bombas, não tinha vaga no cemitério.

Werth (2015) relata a entrevista com o diretor sobre a vida dos trabalhadores nas fábricas. Sem luz, sem água e com fome, trabalhavam sob condições infernais, com a temperatura entre -8 a -14 graus. Espécies de pequenos fogões de ferro eram usados para o aquecimento. Comem torta de gado, óleos minerais, cola de carpinteiro. Misturavam água quente com fermento como uma estratégia desesperada de se manterem vivos. Muitos deles mal podiam andar de fome e se arrastavam até a fábrica por 10 ou 12 km. Em um pedido de um trabalhador para o diretor Semyonov, ele conta:

Eu sei que vou morrer hoje ou amanhã. Minha família está muito mal, muito fraca. Eu sei que eles não vão ter forças para organizar meu funeral. Quer ser meu amigo e enviar um caixão para que eles não tenham essa preocupação extra? Você sabe como é difícil conseguir um. (p. 114)

Semyonov da sequência contando que isso acontecia todos os dias, os trabalhadores chegavam a ele dizendo que estariam mortos hoje ou amanhã. Anna Reid (2012) diz que as mães tiveram que tomar a estratégia de comer mais comida para ficar de pé e não ficar fraca nas filas das rações ou dar ao membro mais velho e dessa forma arriscar a vida de todos já que ninguém do núcleo familiar teria forças para ir às filas. Muitas priorizaram seus filhos e isso é indicado no número de órfãos que a cidade teve.

Vallaud (2012) diz que mesmo na alta e fria madrugada as sirenes tocavam com regularidade e os civis tinham que descer para o abrigo tateando no escuro, ou ir para algum lugar que tivesse essa função. Depois é necessário retornar pra casa e tentar descansar com fome e com frio. Os bombeiros que iam apagar os incêndios quebravam o gelo na tentativa de usá-los, usavam a neve ou bombas manuais. No recebimento desses feridos no hospital, quanto também aos que conseguiam caminhar até eles com fome, os pacientes ficavam sentados no chão, e sobre a alimentação: Dieta de 300g de pão, sopa e às vezes mingau de aveia. Isso não era suficiente, mas tentava-se impedir que os pacientes morressem. Os sintomas de fome que tomava conta da cidade: emagrecimento, edema hidrópico nas pernas e no rosto, descoloração da pele, Anna (2012) relata que os rostos eram descritos em cores pretas, azul-preto, amarelo ou verde. Úlceras, perda de dentes e enfraquecimento do coração. As mulheres pararam de menstruar. No hospital pacientes ficavam em camas sem lavar por mais de 15 dias e sem aquecimento foram transferidos para os corredores onde tinham fogões temporários. Devido ao frio esses pacientes se cobrem com colchões sujos além de seus próprios casacos. Dos 181 médicos, apenas 27 estavam se apresentando. De 298 enfermeiras, apenas 163 iam trabalhar. E mais de mil cadáveres acumulavam nos necrotérios e depósitos e por essa lotação a sala de jantar foi transformada em mais um depósito para acomodar os cadáveres. Quando faltou água e os banheiros congelaram, os pacientes faziam suas necessidades na escadaria principal de mármore.

Alexis Peri (2017) em seu livro relata o acesso que teve a alguns diários de sobreviventes, e em um específico, de Borovikova, ele era um escritor relutante que frequentemente resolvia parar de escrever no diário. Em um dia, Borovikova havia se estudado no espelho e ainda estava assombrada pelo que via, se auto descreveu parecer com todos aqueles outros “demônios”, se tornando apenas ossos e pele enrugada.. Os diaristas não estavam apenas presos dentro da cidade; eles foram aprisionados em corpos estranhos produzidos pela fome. Alexis prossegue em seu livro:

No inverno e na primavera de 1941-42, os habitantes de Leningrado acordaram antes do amanhecer para fazer fila em lojas de alimentos e padarias. Naquela época, eles eram obrigados a usar certas lojas localizadas em sua região da cidade [...] sem se deixar abater por bombas, projéteis ou fadiga, o *blokadniki* esperou por até dez horas sem saber quais mercadorias as lojas deveriam distribuir, se houver, e se tinham os cupons certos para obtê-las. Os estudantes de graduação também suportaram longas filas para serem admitidos em cantinas e casas de banho. Irina Zelenskaia, gerente da Estação Elétrica 7, comparou uma multidão esperando para entrar em uma cantina a ‘um processo de meios-cadáveres tão assustador que não se pode colocar em palavras’. Na verdade, as pessoas frequentemente morriam na fila. Seus esqueletos permaneceram silenciosamente lembrando aos outros de como era essencial chegar à frente. ‘Um homem idoso, esperando pelo pão, lentamente escorrega para o chão’, escreveu Kostrovitskaia sobre uma fila de novembro de 1941, ‘mas ninguém se importa -

ou ela já está morta ou será pisoteada até a morte. Eles observam com o canto dos olhos para ver se talvez o cartão de racionamento dela tenha caído no chão, [ou] talvez ainda esteja firmemente agarrado em sua mão rígida.' Tal indicação para todos, exceto para o cartão de racionamento premiado "é a única maneira de responder à morte. (2017, p. 134-135)

Wykes relata em seu livro um dos incontáveis relatórios de primeira mão que evocam cenas cotidianas de fome contado pelo médico chamado Goure:

Depois de encontrar o quarto, entrei sem bater. Uma visão horrível foi apresentada aos meus olhos. Uma sala escura com paredes geladas e poças de água no chão. Deitado em algumas cadeiras, o cadáver de um menino de cerca de quatorze anos. Num carrinho havia outro cadáver, o de uma criança. Na cama estava a mulher que havia alugado o quarto... morta. Ao seu lado, esfregando o peito, estava sua filha mais velha, Mikkau... Em um único dia a fome e o frio afastaram Mikkau de sua mãe, de um filho e de seu irmão. Na entrada, quase incapaz de se levantar por causa da fraqueza, estava uma vizinha, seu olhar horrorizado fixo nos mortos. Ela também morreu no dia seguinte. (WYKES, 1975, p. 95)

Outro médico relatou a Wykes (1975) que a equipe quase não conseguia levantar devido à fome, frio e excesso de trabalho. Vallaud (2012) conta que médicos comiam membros amputados de seus pacientes, outros assassinavam suas vítimas para devorá-las. Na cidade, Reid (2012) fala sobre uma onda de crimes, especialmente de roubos e assassinatos por comida, e o mais comum era o canibalismo. Ela conta que uma cidadã chamada Helena Kochina voltando para casa de uma padaria teve seu pão roubado por uma criança faminta, ela segue relatando o que seu marido, Dima, viu: "hoje deu de cara com alguns trenós carregados de pães. Uma multidão os seguia, olhando fascinada para os pães. Dima seguiu junto. Perto da padaria os trenós foram descarregados e a multidão caiu sobre as caixas vazias, recolhendo as migalhas" (REID, 2012, p. 280) O roubo cometido pelas crianças em Leningrado foi reduzido pela abertura e evacuação delas para 98 orfanatos, mas só aceitavam até os 13 anos. Os adolescentes para tentar sobreviver se acumulavam próximo a padarias para tentar pegar e roubar o que desse. Os casos detalhados pela NKVD eram de pessoas matando parentes e colegas vizinhos. As vítimas em grande parte eram esses adolescentes desfavorecidos. Um menino de 18 anos matou seus irmãos mais novos e foi preso tentando matar sua mãe, quando questionado pela polícia ele diz que queria usar seus cupons de ração.

Alexis Peri (2017) diz que entre julho e novembro de 1941, as rações foram reduzidas cinco vezes a normas muito menores do que as fornecidas a civis em

outras cidades soviéticas. Em dezembro de 1941 - quando Borovikova registrou sua entrada sobre se olhar no espelho - os funcionários de Leningrado receberam os primeiros relatos de canibalismo. Durante o inverno e a primavera de 1941-1942, o tormento da fome eclipsou o do bombardeio. Em vez de estudar os céus para os aviões alemães, os habitantes de Leningrado começaram a estudar a si mesmos. Os corpos famintos de Leningrado reduziram seu funcionamento homeostático tão drasticamente que a respiração pode ser difícil de detectar.

Anna Reid (2012) diz que o crime mais notório que cresceu na cidade foi o canibalismo. Uma poetisa Olga Berggolts contou a Reid que ficou sabendo por um amigo psiquiatra que o consumo de carne humana estava em alta, segue seu relato: “ele nos contou sobre um casal de canibais que primeiro comeu o pequeno cadáver de seu filho, depois prendeu mais 3 crianças” (2012, p. 284). Nas ruas, rumores de crianças sequestradas nas ruas e cadáveres encontrados sem coxas e nádegas. Reid continua dizendo que havia uma descrição macabra de um casal atraído por um apartamento transformado em matadouro. Relato desse fato por Harrison Salisbury diz que uma jovem saiu de casa e não retornou, os relatos constam que ela foi seduzida e assassinada por comerciantes que venderam costeletas de carne picada em sequência. Tia Nastya, faxineira de uma das fábricas, foi executada pela polícia após prender e comer a sua própria filha. NKVD relatou primeiro caso em 13 de dezembro de 1941. “Uma mãe sufocou sua filha de dezoito meses para alimentar a si mesma e 3 filhos mais velhos; um homem de 26 anos assassinou e comeu seu companheiro de quarto; um metalúrgico e seu filho mataram duas refugiadas e esconderam partes dos corpos em um galpão” (REID, 2012, p. 285). Vallaud (2012) relata que bandos fazem comércio desse alimento pouco particular, recebiam fornecimento dos cozeiros. Mas nas ruas tinham bandos que matam para cortar e vender partes daquele corpo. A moeda usada eram os cupons de racionamento, garrafas de vodka e gramas de pão dormido. Vallaud cita a fala de Olga Berggolts, que media-se a passagem do tempo pelo intervalo que separava um suicídio de outro.

Os corpos se acumulavam pelas ruas. Trenós, carrinhos de mão ou placas de madeira eram utilizados para retirá-los. Os corpos eram apelidados de múmias ou casulos. Os soldados que faziam esse trabalho o apelidavam de “colher flores” porque a cabeça dos mortos era embrulhada em cores vivas para facilitar a identificação em meio a neve. Dentro de uma família, a ordem da morte era primeiro o avô e o bebê, após, avó e pai, e depois a mãe e o filho mais velho vinha por último. (REID, 2012)

Anna Reid (2012) apresenta a Burial Trust, agência responsável pelo necrotério. Os trenós carregados de “múmias” começaram a encher as ruas que levavam aos grandes cemitérios. A equipe ficou sobrecarregada e houve ajuda de pessoas que se ofereceram para abrir covas em troca de pão e dinheiro. Como medida, novos necrotérios foram abertos pela cidade com a ideia de encurtar as carenadas funerárias em um projeto psicológico de tirar isso dos olhares das pessoas.

O tratamento ao cadáver era dado da seguinte forma: eram enrolados em faixas e colocados sobre madeiras, e assim arrastados rua abaixo, chegando ao necrotério o corpo era jogado em cima da pilha de outros corpos. As unidades de defesa civil providenciaram caminhões para transportar corpos para os cemitérios, e como resultado em apenas um cemitério houveram de 5 a 6 mil enterramentos. Os caminhões pesavam

5 toneladas cheio de cadáveres e com os corpos mal cobertos passavam pelas ruas da cidade. Os mortos que esperavam para ser enterrados empilhavam em fileiras de 200 metros de comprimento e dois metros de altura. Reid (2012) afirma que a estratégia de converter olarias em crematórios combinados com a redução da mortalidade colocou a situação um pouco mais sob controle. As trincheiras abertas para enterros alcançaram 20 mil corpos cada. A Caixa de Areia desativada era preenchida com 60 mil cadáveres. Valas antitanques chegaram a ter 10 mil cadáveres e crateras de bombas recebiam 1000 corpos.

"Um jovem de 17 anos assaltou um cadáver de um cemitério e colocou a carne em um picador de mesa" (REID, 2012, p. 285), os saques a cemitérios aconteciam fora do centro da cidade, em subúrbios, locais mais pobres, onde eram pior policiais e tinham mais cemitérios lotados. A polícia relata que parou duas mulheres carregando sacos contendo os corpos de 3 crianças, no interrogatório delas contaram que a intenção era alimentar as filhas; Um operário e um carpinteiro também foram pegos na mesma situação; Um casal foi pego roubando cadáveres no necrotério do hospital; Uma enfermeira foi presa por limpar membros amputados de uma sala de cirurgia; Os cadáveres mais facilmente acessíveis eram das pessoas que morriam de fome pelas ruas; Na Fábrica de Primeiro de Maio um grupo de homens compartilhou o mesmo cadáver; Na Fábrica Lenin uma operária compartilhou o cadáver de seu filho com duas amigas, uma faxineira comeu seu superior que estava morto; Três membros da equipe da defesa civil compartilharam um cadáver encontrado enquanto protegiam um prédio que foi destruído por uma bomba; Quedas de vigas mataram funcionários da defesa civil e seus corpos foram levados para um galpão vazio. Pessoas se uniam para preparar a carne humana, em um trabalho conjunto onde um levava madeira, outro fornecia um local para levarem o corpo.

"64% dos presos por canibalismo eram mulheres. O típico canibal de Leningrado eram donas de casas de classe trabalhadora honesta que catam proteínas para sua família. Elas não possuíam, em grande parte, condenações anteriores" (REID 2012, p. 291). Sobre isso Alexis Peri (2017, p. 139) diz: "o procurador militar da cidade explicou que o canibalismo era frequentemente perpetrado para salvar a vida de crianças. Isso pode explicar porque dois terços dos processados eram mulheres." e sobre as mulheres, a autora afirma que as mulheres constituíam mais de 70 por cento da força de trabalho industrial da cidade e constituíam a maior parte da defesa civil. Além disso, as tarefas domésticas de encontrar e preparar alimentos, cuidar dos doentes e ir buscar água tornaram-se as atividades primárias (2017).

Os "diaristas", assim chamado por Peri, eram as pessoas que escreviam em seus diários durante o cerco, levantaram informações usada pela autora em seu livro para retratar a realidade social daquelas pessoas, e a respeito disso ela opina que em suma, os diários apresentam a linha como uma versão condensada da ordem social, onde milhares de dramas e lutas sociais eram performados diariamente e onde os processos emaranhados de comparação social e autoavaliação se manifestavam.

Um desses materiais é o diário de Levina intitulado de "scenes from everyday life" (zhanrovye kartinki), contando o que via em 1942:

Um processo fúnebre estava passando pela Estação [Ferroviária] Finlândia: um cavalo puxava a carroça e havia uma coroa de flores no caixão. O esplêndido cadáver não foi entregue ao local de sepultamento porque o cavalo morreu. O caixão ficou na neve até a noite, então apareceu - obviamente para combustível. (2017. p. 129-130)

Na noite seguinte à defesa da tese da engenheira Nina Minina, ela costurou contas em um vestido de baile para sua vizinha, uma trabalhadora de padaria, que a pagou com quatro batatas grandes.

Um homem caminhou pela rua, apoiou-se em um poste e disse: "estou muito cansado". No dia seguinte, ele [ainda] estava deitado no poste - cachorro tinha quebrado o seu nariz. Moral da história: ainda existem alguns cães vivos na cidade que não foram comidos - coma-os rapidamente ou eles o comerão. Ontem, Polina Borisovna Pal 'enterrou seus dois irmãos. A reação do público: "ela os enterrou, ela deve ser rica" (PERI, 2017, p. 129-130).

Enquanto a bordo de um bonde recém-inaugurado no outono de 1942, Levina escreveu o que observou:

CON

Limpar: restos, pás e trenós; jardins: pás, baldes roubados, regadores; combustível: machados e serras. Sabemos para onde e de onde uma pessoa está indo. Se as pessoas carregassem uma pá ou uma mochila, elas se dirigiam para os jardins; se um machado, eles estavam indo para um prédio danificado; se lascas de madeira, eram provenientes de um edifício em ruínas. (p. 130)

Klishevich, em seu diário analisado por Peri (2017) também se destacou neste jogo de adivinhação e o usou para identificar os novos tipos sociais que habitavam a cidade:

Aqui estão vários tipos de Leningrado: Uma mulher com botas de feltro e uma saia suja e justa, com o estômago inchado de [comer] grama. Uma mulher bem vestida, cabelos cacheados, bem cuidada, com maquiagem pesada, com saltos extremamente altos. (p. 131)

O diarista deduz que a primeira mulher pode estar levando coisas pra vender, e a outra poderia ser do tipo que trocava favores sexuais por comida (2017). Todos esses

tipos nasceram da crise alimentar dentro da cidade. A comida era o eixo central em torno do qual girava a vida de bloqueio.

Likhacheva e Klishevich testemunharam essas trocas por toda a cidade (2017), especialmente enquanto estavam nas filas de comida, comendo em cafeterias ou tomando banho para evitar doenças. E a partir de tais cenários, a autora analisa que os diaristas tentaram tirar conclusões mais amplas sobre a ordem social que se formava na cidade, situações acontecidas em filas, cantinas e casas de banho moldavam poderosamente a forma como os diaristas viam sua sociedade e percebiam as distinções sociais institucionalizadas pelo sistema de ração.. Sobre os diaristas relatados pela autora, a mesma afirma:

Registraram tópicos comuns de discussão ou troca de mensagens que ouviram. A maioria era sobre quais alimentos estavam sendo dispensados e em que quantidades, sobre parentes doentes e falecidos, sobre trabalhadores ligeiros de serviços alimentícios e sobre eventos na frente. Zelenskaia, por exemplo, notou o contraste entre os tons abafados que os habitantes de Leningrado usavam para contar as mortes na família e a maneira afetuosa com que descreviam os alimentos. (PERI, 2017, p. 136)

As lojas de alimentos organizavam por fila numerada para manter a ordem, e isso era facilmente manipulado, Alexis cita que Levina escreveu em seu diário a estratégia de estar sempre a frente, ela enumerava fichas em casa e distribuía colocando-a sempre nas primeiras posições. Outros tentavam manipular usando o lado emocional, mas naquela situação de desespero, cada posição à frente na fila do pão podia significar sobrevivência.

Alguns tentaram forjar alianças temporárias por meio de apelos emocionais. Eles compartilharam histórias sobre seus entes queridos doentes ou famintos para ganhar a simpatia e o lugar da pessoa à sua frente. Embora as histórias possam ter funcionado em versos pré-guerra, Levina observou que os blokadniki não eram afetados por eles: 'Em geral, o público é autocontido - nada o move. Quando uma diz que seu marido está morrendo e seus filhos estão inchados, outra responde que seu marido já morreu e, de seus três filhos, dois morreram.' Tamanha indiferença para com a situação dos outros tornou-se tão comum que Levina se perguntou se era um traço inerente do caráter russo revelado pela coação da guerra: "De onde vem essa autocontenção - da resistência russa, disciplina, ou esperança? (PERI, 2017, p. 138).

Inchados, deformados, andando como zumbis, homens e mulheres dedicavam as suas últimas energias na busca vã de comida para prolongar sua vida.. Com poucas sementes chegadas pelo lago Ladoga, os civis começaram a plantar em jardins públicos, praças, fábricas, repartições, hospitais, terrenos baldios. Primeiro repolhos e beterrabas, depois batatas e enfim tudo que poderia ser consumido. Para regar essas plantas eram usadas água do degelo que estava espalhada por toda parte. Essas águas salobras, sujas também por corpos que entraram em estado de decomposição em meio ao gelo, infectada, causava uma propagação de doenças na cidade, houveram relatos de caso de tifo. Na realidade, em Leningrado, mais do que em qualquer outro lugar, o que triunfa é o espírito de sobrevivência. E toda a população de uma cidade que luta de costas para a parede. (VALLAUD, 2012)

Na cronologia dos acontecimentos em Leningrado, no ano de 1943 ocorre em “18 de janeiro: abertura do cerco de Leningrado. As tropas das frentes de Leningrado e Volkhov conseguem abrir uma ligação nos subúrbios operários no 1 e no 5 do distrito de Siniavino” (MUKHINA, 2015, p. 255) e, posteriormente, no ano de 1944, em “27 de janeiro: libertação completa de Leningrado e quebra do cerco: 324 canhões festejam a notícia” (MUKHINA, 2015, p. 255).

Sobre a notícia, Svetlana relata em seu livro as seguintes palavras de Garlina Firsova Virsova:

Escutamos... Comunicaram no rádio... “Cerco rompido! Cerco rompido!” Não havia gente mais feliz do que nós. Impossível estar mais feliz. Havíamos resistido! O cerco tinha sido rompido... Nossos soldados estavam andando pelas nossas ruas. Corri até eles... me faltavam forças para abraçar. (2018. p. 215)

Por fim, fruto da resistência do povo durante o cerco, a cidade de Leningrado foi oficialmente reconhecida pelo governo soviético como “Cidade-Herói” e agraciada com a Ordem Lenin. Em 2022, o Tribunal Municipal de São Peterburgo reconheceu o Cerco de Leningrado como ato de genocídio contra o povo soviético.

A sobrevivência como forma de organização social

Diante do colapso quase absoluto das estruturas materiais, institucionais e simbólicas que sustentavam a vida urbana, a população civil de Leningrado não se limitou a reagir passivamente à escassez, mas produziu, na prática, novas formas de organização social. A sobrevivência passou a depender de arranjos coletivos improvisados, de redes de solidariedade forçada e de estratégias de adaptação extrema, criadas à margem — e muitas vezes à revelia — dos mecanismos tradicionais de abastecimento, trabalho e proteção estatal. Essas práticas, originadas da urgência e da necessidade imediata de viver, acabaram por constituir um novo modo de funcionamento social, no qual o cotidiano foi reorganizado em torno da fome, do frio e

da proximidade constante da morte. A experiência de Leningrado revela, assim, que mesmo em contextos de desintegração radical, a sociedade não desaparece, mas se reconfigura, produzindo formas mínimas, porém vitais, de coexistência e resistência coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIJEVICH, Svetlana. **As Últimas Testemunhas**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2018. 272 p. v.1. ISBN 9788535931518.

MUKHINA, Lena. **O diário de Lena: A história real de uma adolescente durante a Segunda Guerra**. 1. ed. [S. l.]: Globo Livros, 2015. 268 p.

PERI, Alexis. **The War Within: Diaries from the Siege of Leningrad**. [S. l.]: Harvard University Press, 2017. 384 p.

REID, Anna. **Leningrad: The Epic Siege of World War II, 1941-1944**. [S. l.]: Walker & Company, 2012. 492 p.

RED star: the soviet union - 1941-1943. Direção: Martin Smith. Produção: Thames Television, 1974. Disponível em: Apple TV+. Acesso em: 15 de julho de 2025.

VALLAUD, Pierre. **O Cerco de Leningrado: 900 Dias de Resistência dos Russos Contra o Exército Alemão na II Guerra Mundial**. 1 edição. ed. [S. l.]: Contexto, 2012. 256 p. v. 1.

ISBN 978- 8572447195.

WERTH, Alexander. **Leningrad 1943: Inside a city under siege**. [S. l.]: I.B.Tauris & Co. Ltd, 2015. 256 p. ISBN 9781780768724,1780768729.

WYKES, Alan. **El Sitio de Leningrado**. Madrid: San Martin, 1975. 160 p.

Revista
CONVERGÊNCIA
CRÍTICA